

FESTIVAL PARALÍMPICO 2021: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA CIDADE DE MACEIÓ - ALAGOAS

Simone Simões da Silva ¹
Maria Natálha Gomes da Silva Tavares ¹
Soraya Dayana Guimarães Santos ¹
Neiza de Lourdes Frederico Fumes ¹

¹ Instituto de Educação Física e Esporte (IEFE), Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

INTRODUÇÃO

O Festival Paralímpico, promovido pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), teve sua primeira edição no ano de 2018 como forma de celebrar o *Dia Nacional do Atleta Paralímpico*, instituído pela Lei 12.622, de 08 de maio de 2012 (BRASIL, 2012). O evento foi criado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro - CPB - com o objetivo de promover a prática de atividades esportivas paralímpicas para crianças e jovens com e sem deficiência, de modo que fossem desenvolvidas três modalidades paralímpicas em cada sede (CPB, 2018).

Em seu primeiro ano de realização, em 2018, o *Festival Paralímpico* ocorreu no Dia Nacional do Atleta Paralímpico (22/09), em 48 cidades-sede, distribuídas por todos os estados do país e pelo Distrito Federal, abarcando mais de 10 mil pessoas, dentre as quais, aproximadamente, 7 mil eram crianças e jovens (CPB, 2018). Nessa primeira edição, o evento teve duração de 02h30min e envolveu participantes com idades entre 10 e 17 anos (CPB, 2018).

A segunda edição do *Festival Paralímpico* aconteceu no dia 21 de setembro de 2019, em 70 cidades-sede por todo o país e teve 3h de duração (CPB, 2019). Nessa edição ocorreu um aumento no número de pessoas envolvidas no evento - 15 mil pessoas, das quais cerca de 11 mil eram crianças e jovens com e sem deficiência com idades entre 10 e 17 anos (CPB, 2019).

A terceira edição estava prevista para ser efetivada no dia 19 de setembro de 2020, porém, em decorrência do contexto pandêmico causado pelo coronavírus, foi cancelada (CPB, 2020).

Em 2021, com as alterações das condições de saúde e de vacinação, o festival voltou a acontecer, sob o título de *Festival Paralímpico Loterias Caixa*.

O *Festival Paralímpico Loterias Caixa*, terceira edição, teve 03h30min de duração e ocorreu no dia 04 de dezembro de 2021, em 70 cidades-sede do Brasil, sendo que exceto o



estado de Pernambuco não esteve representado. Contou com a participação de mais de 8 mil crianças e jovens com e sem deficiência com faixa etária de 08 a 17 anos (CPB, 2021).

Na edição mais recente, o evento não foi realizado em data próxima ao Dia Nacional do Atleta Paralímpico por conta da situação pandêmica que o país ainda se encontrava. Foi realizado em outro marco relevante para o público com deficiência, *o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência* (03/12).

Em todas as três edições do Festival Paralímpico, o estado de Alagoas esteve presente. Nas duas primeiras edições, com sede única na capital do estado - Maceió - e, na terceira edição, com duas sedes - uma em Maceió e outra em Pilar.

Para este relato, será considerada especificamente a experiência ocorrida na cidade de Maceió, de modo que o objetivo é descrever as experiências desencadeadas pelo *Festival Paralímpico Loterias Caixa 2021* na Cidade de Maceió/Alagoas.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esse estudo se refere a um relato de experiência. De acordo com Fortunato (2018), este se caracteriza como um método de pesquisa em educação, no qual as experiências devem ser descritas e sequenciadas até o fim das vivências, sendo, posteriormente, analisadas.

Desse modo, adotou-se como objeto de estudo o *Festival Paralímpico Loterias Caixa 2021*, com sede na Cidade de Maceió - Alagoas. O evento contou com a participação de:

- 1) Duas docentes da Educação Superior, com experiências na temática da Atividade Física Adaptada e dos Esportes Adaptados, que ficaram responsáveis pela coordenação técnica e logística do Festival, bem como pelo vínculo direto com o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB);
- 2) Três professores de Educação Física (1 doutor, 1 mestranda e 1 especialista) com experiências na temática da Atividade Física Adaptada e dos Esportes Adaptados, que conduziram e mediaram as modalidades ofertadas; e
- 3) Trinta e seis voluntários, que eram, majoritariamente acadêmicos ou graduados em Educação Física (n=34) e Fisioterapia (n=1) e estudante da Educação Básica e Paratleta de parabadminton (n=1).

O Festival aconteceu no Instituto de Educação Física e Esporte - IEFE da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, localizado no Campus A. C. Simões, na cidade de

Maceió/AL. Mais especificamente, as atividades foram realizadas no ginásio poliesportivo, na quadra coberta de basquete e na área de aquecimento do complexo aquático.

No que concerne à participação no festival, 135 crianças e jovens se inscreveram, sendo 74,1% com deficiência e 25,9% sem deficiência. Do público com deficiência, houve a predominância de crianças e jovens com deficiência intelectual, seguidos pelos com deficiência física, visual, múltipla e, por fim, surdez.

Todos os participantes tiveram o Termo de Concessão de Uso de Imagem autorizado e assinado pelos responsáveis.

O FESTIVAL PARALÍMPICO LOTERIAS CAIXA 2021 NA CIDADE DE MACEIÓ/ALAGOAS

As modalidades desenvolvidas no *Festival Paralímpico Loterias Caixa 2021* na Cidade de Maceió foram: bocha, goalball e parabadminton.

Antes do início das atividades, as crianças e os jovens com e sem deficiência foram recepcionados no ginásio para a realização do credenciamento. No credenciamento, os inscritos no Festival receberam uma faixa com cores distintas (verde, bege e azul) para colocar no punho, com o intuito de facilitar a divisão e a identificação dos grupos para a experimentação das modalidades. Com isto, foram formadas três filas, cada uma delas correspondendo a uma cor, de modo que fosse possível expor as orientações gerais acerca do desenvolvimento das atividades, os locais em que elas iriam acontecer e, por fim, direcionar cada grupo para uma das modalidades.

Do mesmo modo, os voluntários foram divididos em três grupos para acompanhar os participantes nas atividades e auxiliar no rodízio entre as modalidades, bem como colaborar no que fosse pertinente, visto que pela diversidade do grupo seriam necessários maiores ou menores níveis de auxílio/apoio a depender das características dos participantes.

Nesse sentido, o grupo com faixa verde foi direcionado para a área de aquecimento do complexo aquático, para vivenciar a bocha; o grupo com faixa bege foi para a quadra coberta de basquetebol experimentar o goalball; e o grupo com faixa azul permaneceu no ginásio poliesportivo para praticar o parabadminton. Ainda que tenha ocorrido essa divisão entre os grupos, todos os participantes vivenciaram todas as modalidades ofertadas, tendo em vista o sistema de rodízio adotado - cada oficina tinha duração de 30 minutos e intervalo de 15 minutos entre elas.

A seguir, passamos a apresentar cada uma das oficinas.

Iniciando pela bocha, que é um esporte de precisão destinado para pessoas com deficiência física e tem como objetivo aproximar o maior número possível de bolas de cor vermelha ou azul a uma bola alvo na cor branca (Jack) (LAUTTERBACH; DANTAS, 2019). A prática dessa modalidade pode ocorrer de maneira individual, em pares ou em equipes. São utilizadas 13 bolas, das quais seis são vermelhas, seis são azuis e uma é branca (LAUTTERBACH; DANTAS, 2019), vencendo quem fizer uma maior somatória de pontos ao final das parciais.

A oficina de bocha ocorreu na área de aquecimento do complexo aquático, o espaço da atividade foi formado com dois quadrados grandes marcados no chão com fita adesiva. Com a chegada das crianças e dos adolescentes ao espaço, a professora responsável pediu que fossem formados dois grupos, cada grupo em um quadrado, e distribuiu bolas nas cores azul e vermelha para eles. Além disso, entregou uma bola branca para um integrante de cada grupo. Ao sinal da professora, os alunos que tivessem com a bola branca deveriam jogá-la no espaço delimitado pelas fitas adesivas. Em seguida, a professora solicitou que todos os componentes de ambos os grupos jogassem as bolas ao mesmo tempo, buscando aproximar as bolas de cor azul e vermelha na bola branca, que é um princípio da bocha.

Na segunda atividade, a turma foi subdividida em duplas, de forma que cada componente ficasse sentado de frente para o outro. Cada dupla tinha posse de uma bola, com a finalidade de ficar passando-a de um membro para o outro da dupla. Inicialmente, essa troca de passes com a bola era mais próxima, ampliando a distância gradualmente para aumentar o nível de dificuldade. Para tornar a atividade mais desafiadora foram dispostos dois blocos no espaço, para além disso, também foram utilizadas garrafas em material reciclável com o intuito de colocá-las paralelamente. As crianças e os jovens deveriam fazer com que a bola passasse entre um bloco e outro sem derrubar o material.

As imagens 1 e 2 a seguir ilustram a disposição da modalidade de Bocha.



Imagem 1. Autoria: Maria do Socorro Dantas



Imagem 2. Autoria: Maria do Socorro Dantas

O goalball é uma modalidade esportiva paralímpica, criada especificamente para o público com deficiência visual após a Segunda Guerra Mundial (MUNSTER et al., 2008). Configura-se como um esporte sem invasão territorial, jogado por três atletas em cada equipe, os quais realizam lançamentos manuais da bola em direção ao alvo adversário na tentativa de marcar gols (MORATO, 2012).

A oficina de goalball foi desenvolvida na quadra coberta de basquete do IEFE e a atividade foi iniciada com o professor solicitando que os participantes formassem um círculo. Em seguida, o professor explicou as características básicas da modalidade e apresentou um mapa tátil da quadra de jogo, bem como os materiais utilizados na modalidade, principalmente a bola com guizo e a bola de basquetebol envolta com fita adesiva. Cada participante teve a possibilidade de conhecer o espaço de jogo, tanto pelo mapa tátil quanto pelas demarcações táteis da quadra, assim como teve contato com as bolas.

Posteriormente, os participantes foram divididos em dois grupos, de modo que um deles foi vendado, enquanto o outro não. O grupo que foi vendado foi distribuído pelo espaço em formato de círculo, colocado sentado e foi orientado como eles deveriam prestar atenção e tentar pegar a bola apenas ouvindo o barulho dos guizos.

A atividade iniciou somente com uma bola, com um participante jogando a bola para o outro tentar pegar. Depois, foram incluídas mais bolas no espaço, estimulando a percepção auditiva para localizar a bola, recepcioná-la e passá-la para os demais componentes do grupo.

Na segunda atividade foram utilizadas as marcações táteis no piso da quadra, as quais eram equivalentes às marcações oficiais da quadra de goalball. No entanto, os participantes foram divididos em dois grupos e dispostos por todo o comprimento das linhas laterais da quadra de goalball, com um grupo em cada linha. Ao centro da distância entre os grupos foram

colocados materiais (cones e garrafas) que serviram como alvos. Os participantes ficaram um de frente para o outro, cada um em seu grupo, (e em suas marcações, nas linhas laterais esquerda e direita) com bolas distribuídas para todos os participantes, de modo que eles deveriam jogar para o colega do outro grupo tentando acertar o cone ou garrafa que estavam na linha central.

As imagens 3 e 4 ilustram as atividades realizadas na modalidade do Goalball.



Imagem 3. A autoria: Maria do Socorro Dantas



Imagem 4. A autoria: Maria do Socorro Dantas

Por fim, o parabadminton, modalidade paralímpica que estreou nos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2021 e é um esporte paralímpico baseado no badminton convencional, com regras semelhantes. Consiste em passar a peteca por cima da rede com o uso de uma raquete, objetivando que a peteca caia na quadra do adversário (STRAPASSON; ALVES; DUARTE, 2019).

A oficina começou com uma breve explanação da modalidade, seus equipamentos e regras gerais.

Em seguida, o professor explicou como seria a primeira atividade: cada criança com uma bexiga e deveria tentar controlá-la na palma da mão e não deixá-la cair no chão. Logo após, o professor modificou um pouco a regra - em vez de bater na bola com a palma da mão, eles deveriam usar o dorso da mão para bater na bexiga. Essa atividade buscou simular os movimentos de *forehand* (palma da mão) e *backhand* (dorso da mão), que são fundamentais para a execução da modalidade.

Na segunda atividade, o professor reuniu todos em um círculo e explicou que essa atividade era igual a primeira, só que agora seria uma bolinha de papel. Desse modo, cada criança pegou uma folha de papel sulfite, amassou formando uma bolinha e tentou mantê-la no ar. Nessa atividade eles sentiram mais dificuldade em comparação com a primeira.

Posteriormente, o professor reuniu todos os participantes e distribuiu as petecas para que eles pudessem ir se familiarizando com o material, antes de introduzir a raquete na

atividade. Então, eles fizeram com a peteca, basicamente, o que já tinham realizado com os outros materiais (bexiga e bolinha de papel), manter a peteca no ar. Após isso, ele distribuiu as raquetes, explicou e demonstrou como era o movimento que os participantes deveriam fazer.

Logo depois, o professor pediu para que os participantes se organizassem em duas filas. À frente delas e com uma distância de 01 metro e meio, ele posicionou 09 arcos dispostos da seguinte maneira: três fileiras de arcos, dispondo três arcos paralelamente em cada fileira, sendo uma acima da outra. E o objetivo da atividade era que as crianças acertassem a peteca dentro do arco. Esse circuito de atividades serviu como preparativo para o jogo formal. O professor explicou como era o jogo formal e, em seguida, falou que eles deveriam lançar a peteca por cima da rede.

As imagens 5 e 6 ilustram as atividades realizadas na modalidade do Parabadminton.



Imagem 5. A autoria: Joelma Albuquerque



Imagem 6. A autoria: Joelma Albuquerque

Durante as vivências foi observado que o parabadminton foi a modalidade que as crianças com deficiência, principalmente as deficiências física e intelectual, apresentaram dificuldades na realização de determinados movimentos, com isso, necessitavam de um nível de auxílio/apoio maior. Já na bocha e no goalball não foi necessário tanto auxílio dos voluntários, quando comparado com o parabadminton, uma vez que os participantes conseguiram experimentar essas duas modalidades com maior autonomia.

Ao final da experimentação das três modalidades por todos os grupos, os participantes foram direcionados para o ginásio poliesportivo. Nesse momento, eles puderam assistir a um vídeo disponibilizado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro, bem como se reuniram para um lanche que culminou no encerramento do evento.

As imagens 7 e 8 mostram a culminância do Festival.



Imagem 7. Autoria: Flávio Melo



Imagem 8. Autoria: Flávio Melo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Festival Paralímpico Loterias Caixa 2021* teve como intuito propiciar a vivência de modalidades esportivas paralímpicas para crianças e jovens com e sem deficiência e no relato apresentado constata-se que este objetivo foi alcançado.

Notou-se ainda que o evento se caracterizou como o primeiro contato com o movimento paralímpico para a ampla maioria dos participantes, o que demonstra sua importância no cenário nacional. Sendo assim, compreende-se que, com o realce das potencialidades desses sujeitos a partir do evento, pode ocorrer um maior estímulo para o engajamento e a continuidade na prática de atividades esportivas paralímpicas.

Também se destaca que, em virtude das fragilidades do processo formativo nos cursos de Educação Superior em relação ao público com deficiência, o *Festival Paralímpico* se configurou como um momento rico para o contato prático dos acadêmicos e graduados em Educação Física com as pessoas com deficiência e com as modalidades esportivas paralímpicas, o que pode ter contribuído para a formação profissional dos envolvidos.

Com isso, entende-se que o evento atingiu seu propósito, tendo em vista ser uma oportunidade relevante para o contato dos participantes com modalidades esportivas paralímpicas, as quais nem sempre são vivenciadas em outros ambientes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Nº 12.622, de 8 de maio de 2012. Institui o Dia Nacional do Atleta Paraolímpico e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília: DF, 9 mai. 2012, p. 1.

CPB. CPB promove megafestival em 48 cidades para comemorar o Dia do Atleta Paralímpico. CPB, 2018. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/401/cpb-promove->

[megafestival-em-48-cidades-para-comemorar-dia-do-atleta-paralimpico](#). Acesso em: 12 dez. 2021.

CPB. Festival Paralímpico 2019 acontecerá em 70 cidades e reunirá 15 mil pessoas no dia 21. CPB, 2019. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/2534/festival-paralimpico-2019-acontecera-em-70-cidades-e-reunira-15-mil-pessoas-no-dia-21>. Acesso em: 12 dez. 2021.

CPB. CPB cancela Festival Paralímpico 2020. CPB, 2020. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/2899/cpb-cancela-festival-paralimpico-2020>. Acesso em: 12 dez. 2021.

CPB. Confira os endereços das 70 localidades que vão sediar o Festival Paralímpico neste sábado, 4. CPB, 2021. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/3736/confira-os-enderecos-das-70-localidades-que-vaoo-sediar-o-festival-paralimpico-neste-sabado-4>. Acesso em: 12 dez. 2021.

FORTUNATO, I. O relato de experiência como método de pesquisa educacional. In: FORTUNATO, I.; SHIGUNOV NETO, A. (Org.). **Método(s) de Pesquisa em Educação**. São Paulo: Edições Hipótese, 2018. p. 37-50.

LAUTTERBACH, A. A. F.; DANTAS, M. J. A bocha paralímpica, sua dinâmica de jogo e regras. In: DANTAS, M. J. et al. (Org.). **Bocha Paralímpica: história, iniciação e avaliação**. Curitiba: Editora CRV, 2019. p. 61-75.

MORATO, M. P. **Análise do jogo de goalball**: modelação e interpretação dos padrões de jogo da Paralímpiada de Pequim 2008. 2012. 242 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MUNSTER, M. A. V. et al. Goalball: uma proposta inclusiva. In: ALMEIDA, J. J. G. et al. (Org.). **Goalball: invertendo o jogo da inclusão**. Campinas: Autores Associados, 2008. p. 09- 15.

STRAPASSON, A. M.; ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. O ensino do para-badminton para crianças com deficiência física. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, v. 20, n. 1, p. 03-16, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2674-8681.2019.v20n1.01.p3>. Acesso em: 16 dez. 2021.

NOTA SOBRE AS AUTORAS

Simone Simões da Silva

Graduanda em Educação Física – Licenciatura pelo Instituto de Educação Física e Esporte da Universidade Federal de Alagoas (IEFE/UFAL). E-mail: simone.silva@iefe.ufal.br

Maria Natália Gomes da Silva Tavares

Graduada em Educação Física - Licenciatura, Graduanda em Educação Física - Bacharelado. Professora de Educação Física da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas (SEDUC/AL). E-mail: maria.tavares@iefe.ufal.br

Soraya Dayana Guimarães Santos

Doutora em Educação PPGE/CEDU/UFAL (2016). Membro-pesquisadora do Núcleo de Estudos em Educação e Diversidades (NEEDI/UFAL). Docente do Instituto de Educação Física e Esporte da Universidade Federal de Alagoas (IEFE/UFAL) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa (PPGE/UFV). E-mail: soraya.santos@iefe.ufal.br

Neiza de Lourdes Frederico Fumes

Professora Titular da Universidade Federal de Alagoas, Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação. Coordenadora do Grupo de Estudos e Extensão em Atividade Motora. E-mail: neizaf@yahoo.com